

NOVEMBRO

Vítor Burity da Silva

ANTES

*Como relâmpagos e trovoadas,
os tiros e as bombas*

Um som ténue rasgava delícias pelas frinchas rogadas no alpendre, por onde também luzidas palavras se esvaíam na imensidão inerte da falésia verde da rua. Longe ou perto, apertava o susto, um som que chegava, ruídos de tiros, o coração apertava súbitos influxos, no ar, descaíam solenemente chamas, apagando-se, num tilintar sobre o soalho. Um começo que se anunciava feroz, de lados diferentes, frentes que apostavam ambições repartidas, pela estrada ouviam-se os passos de militares mal encarados, olhos vermelhos, que gingavam pelas janelas das casas, buscando uma razão certa para a vingança, quem sabe, matariam. Na rua era quente o silêncio desapontando que medos, por dentro as casas eram um quintal aberto, onde se violavam o respeito e a tranquilidade, onde as crianças sorriam, seria desespero, sentia na face do meu pai, sei como ele disfarçava de forma, como fingia a verdade e assegurava-nos uma tranquilidade tantas vezes aparente. A princípio, pensávamos ser seguro colarmos o corpo aos mosaicos do chão, pelos cantos da casa, íamos para debaixo das camas para fugir da verdade: tínhamos tanto medo.

– Estás aí, pai?

– Calma, filho, foi um relâmpago.

(num céu sobre a minha casa, vi nascer sem temer, era uma fé, quem sabe...)

Pena não conseguir ver o céu, as nuvens carregadas traziam gritos, como se a chuva fosse uma solução, debaixo da cama não havia como me atingirem com uma bala atirada por uma metralhadora com origem no Zaire. Soube depois, soldados da frente nacional de libertação de Angola, ar de afrancesados, pelo sotaque arranhado com erres carregados, rostos negros, soldados evadidos iam pelas casas maltratar o meu medo. Sobre a copa das árvores a passagem subtil de nuvens carregadas, pelo céu cinzento da viagem, seguiam rumo à vegetação distante. No quintal, uma orquestra de gotas daquela chuva criava lagos, carreiros pelos dois lados da rampa desciam, levando em silêncio o meu olhar perdido. Ainda deitado, rente à parede que estremecia pelos solavancos dos trovões e dos clarões que caíam do céu, dizia o meu pai, um calor de ânsias invadia as divisões da casa cada vez mais pequena, o quintal fugia do olhar, fechavam-se as têmporas refrescadas pelos pêndulos do sono, o meu pai calado, como se o seu silêncio ocultasse o ruído que brotava do céu, embora soubesse que vinha de outro lado, fingia eu entender, represso de medos, repleto pela sua presença também.

– Há quanto tempo não me dás a mão.

Se um frio regasse o jardim dos meus sonhos naquele imenso jasmim a deglutir-se vasto num sol que seja, a sede que me roga uma vontade de ti, queria água a jorrar-me o

rosto de frio e tremer na sala. Tremiam as cortinas abalroadas pelos estrondos sórdidos das bombas, amálgamas imaginadas no refego apertado onde me colocaras para me proteger. Disfarças verdades de escombros como varandas de tiros, como templos de vidros despedaçados num soalho de sons, sonhos, de vidas acopladas num esplendor represo, ar frio se por ventura o sintas, por debaixo uma insónia consignada numa verdade de dor num diálogo ingénuo.

– Tenho medo, pai.

– De quê, filho? Ah... vem ver à janela o quanto brilha o anoitecer.

E fui. Enfim, fui. Que faria ali, numa fé divina de pai, num rosto de filho, afiançada a sua verdade pelas razões naturais? Fui.

Nessa altura, da capital, quase ninguém sabia o que quer que fosse. Eu tinha ideias bem profundas. Passava férias escolares longas em Luanda, até, depois, a minha mãe alugar uma casinha verosímil ao fundo do bairro, a estrada era de terra batida. Uma capoeira no quintal. Gostava de como era o bairro na altura, das coisas espalhadas como se arrumar fosse assim, nem tão pouco o lixo, a manutenção suficiente e o número de pessoas suficiente também.

De chamuscas vazias, havia pelas ruas uma vaidade não explicada pelos cardápios da razão, caminhões carregados de rostos frenéticos, miras viciadas já pela vontade de algo inventar, dizimar, sem apelo nem agravo, discriminar uma voz que fosse, ter ou não barba era importante para definir, segundo quem julgava, dar um fim cheio de ódios.

O cheiro à pólvora rasgava o declínio da tarde, como se a sede quisesse inventar um riso sob a chuva, às vezes, colocava devagar os pés numa pocinha já castanha de água cansada de estar ali, como a consciência da inocência me levava, saía aos saltinhos no intervalo do primeiro estalo e o próximo, e pelos muros da cidade os escombros de verdes fardas se faziam sentir, uns intimidavam com o olhar rancoroso das estepes e outros estendiam as mãos vaidosas de quem sentia a presunção de futuros donos da nossa alma, íamos de branco a cobrir o tronco, de regresso das aulas em marcha rápida, direitos ao lar na falésia escondida e entrar pela porta dos fundos, pisar o chão da cozinha.

– Olá, mãe, olá, pai.

– Como foi o dia lá na escola, filho? – dizia a minha mãe.

Respondi de seguida:

– Hoje as aulas acabaram mais cedo, a professora tem medo de sair quando já estiver escuro, por causa dos soldados, mãe, mas eu não tenho medo. Sabes, passei por eles à saída da escola, estavam montes deles sentados no muro, com as armas deles encostadas às pernas, até as armas se cansam mãe, não é?

Um fungo de ciprestes no seu sorriso, ladeada pelas minhas mãos do tamanho da minha vontade, apenas, esguio, sobre as suas ancas, para a ver com um riso contínuo, e lá fora feras abruptas dilaceravam o brilho do alcatrão escorregadio. Os gritos ofuscados pelos raios, o corpo pelos vazios da casa, de um lado para o outro. A minha mãe disfarça.

– Que faremos hoje para comer?

– Nem sei se tenho fome, mas sei que tenho medo – dizia eu.

E a Emília, entretanto:

– Está alguém no quintal, senhora, ouvi passos, verdade, parecerem-me ser de botas, sei lá.

– Quando o senhor vier, vai verificar isso – respondeu a minha mãe –, agora vamos tratar do almoço, já está na hora.

As tardes deslizam submersas num silêncio de brilhos, botões definhados no horizonte escuro do meu pensamento pendurado por debaixo dos cortinados molhados de azias, reflexos súbitos, noites, vômitos, como quem sonha acordar no dia seguinte, a fuligem dos taipais sobre o telhado da garagem num semblante de coragem do meu pai, calmo, como se fosse possível, e acreditava, como se fosse verdade, o cheiro da

cozinha chegava num vagar de arrepios aos saltos pela minha fome de agruras, não me embalsamaram os estribilhos nus de correntes vadias que se atiravam silenciosas, os tiros perdidos encontravam sempre um alvo, mesmo que fosse o candeeiro miserável e abandonado pelas dádivas divinas, sem esplendor nem razão, por entre estrondos recheados de luz, na sazonal e displicente alegoria da vida que se esperava ali sem nunca se perder de vista. Da janela avisto um céu sem cor, ou que nuvens a reboque de um cinzento metálico jorrado pelos canos que matavam a tarde, de correrias desenfreadas, da janela via sem sentir o sussurrar dos ventos pelas vias, que se alojavam pelas árvores estanques, presas ao círculo de terra da jardinagem. Que será feito do Tibério?, dizia para os seus botões, sentada na oliva que remenda as suas costuras, lá fora começa a chover, na melancolia do café abandonado na lona estendida.

Passa entretanto um pelotão armado, num coro de rituais, cânticos de guerra, desenfreados, como uma berbere carregada de estrume, a defecar com cheiros nauseabundos a corrente de ar das ruas, numa cadência fria, por onde os olfactos segregam segredos, desvendarem alvos sibilinos nas jangadas cada vez mais despidas de gente.

– Talvez isto abraque e saímos à procura de alguma coisa, preencher a despensa, percebes, não vá isto piorar e, depois, nada feito – dizia o meu pai para a minha mãe, como se os ditongos sazonais fossem um respirar de espirros neste requiem de disparos ruidosos contra mim, e eu no meu canto, a inventar o momento, e o vinte e cinco de abril ladrava nas correntes barulhentas ao deslizarem pelo cimento do chão, e chegavam trovoadas num estéreo figurativo, e as pessoas dentro de casa, e

ninguém na rua a não ser os pássaros assustados, e os militares vagueavam passo a passo cada lar, na esperança de algum suspeito, de vez em quando um tiro mais próximo, passos mais perto, a chuva arrulhada pelos estendais e sobre a roupa ensopada, o céu nas alturas parecia um menino encolhido no colo da mãe, as portas batiam, pensava eu, as portas fechadas escondiam o medo, trancas e mais trancas, o portão chiava.

– Eles ainda entram pelo nosso quintal, mãe, tenho medo que eles nos façam mal.

– Não, filho, se vierem cá, corro com eles – dizia a minha mãe.

– O Simão foi morto – disse-me o Platão – com um tiro à queima-roupa por estar vestido de vermelho e preto.

A única roupa que tinha, oferecera-lha o senhor Silveira, enfermeiro no hospital civil, quantas injeções me deu ele, quando o paludismo me elevava a temperatura, as dores no corpo, quando, a sério, fugia, bastava tantas vezes vê-lo chegar à rua onde ambos morávamos, Bairro Montanha Pinto, nós na moradia da esquerda e ele na da direita, os quintais, enormes, separados por um muro da minha altura que tantas vezes saltava, contra a vontade do meu pai, e tinham uma coberta de chapas de zinco, suportada por umas barras de ferro que serviam de baliza, eu era guarda-redes e ele, Platão, um pontade-lança dos antigos, quando minha mãe vinha à porta das traseiras, que dava para a cozinha e gritava por mim.

– Está na hora, vamos!

Estava surdo, não ouvia mas sentia, e lá ia, minutos depois, a custo, ao encontro dela, lentamente, saltava o muro, entrava na cozinha, a bola ainda saltava, ouvia eu, eu na cozinha, a minha mãe a meu lado, a chuva branda caía no raiar doce da tarde a terminar, suave, cansado e feliz.

– E agora vais mas é tomar um banho, antes que o teu pai chegue e te veja nesse estado, despacha-te!

De novo a minha mãe, apressada enquanto o lume brando aquecia o jantar.

Ouvi dizer que mataram o senhor Magalhães, decapitaram-no por usar barbas, sem dó nem piedade, de rastos, levavam o seu corpo numa berlier com militares de ar cansado, ar de gozo, nas ruas, enfatizavam os seus restos mortais como um berlinde de vidro, de rastos, atolado a uma corda de tendas, para intimidarem também, iam por todas as casas dizendo que procuravam quem como ele usasse o mesmo efeito, partidário dos contras, adversários da mesma vontade, diziam, congratulando-se, que eliminaram mais um inimigo da verdade, conhecia-o bem, marido da minha explicadora, dona Teresa, o meu pai não me deixou ver o que se passava, eram militares de mais naquele festim de guerra.

Calados no corredor largo, os meus irmãos brincavam distantes, banho tomado entretanto, fresco que nem um figo, cansado pelo prazer dos remates defendidos naquele chão de cimento e duro, nada doía, qual guarda-redes dos tempos da relva mais tarde, qual tiro, estrondo entretanto, o vinte e cinco de abril ainda nas correntes como um defensor sazonal de tantos medos naquela escorregadia rampa que dava para a garagem, onde cabiam garantidamente dois carros, e o anexo onde normalmente a Emília dormia, a pessoa que cuidava de nós quando os meus pais saíam para trabalhar, havia um baloiço já ferrugento que chiava a cada viagem do vaivém das correntes, num banco ressequido de madeira, muitos anos de labuta sob as minhas nádegas ingénuas, o fulgor doce desses momentos, e entretanto uma voz.

– Menino – era a Emília –, vamos para dentro, temos que ter cuidado, andam aí os soldados, vamos, antes que o pai chegue.

– Não Emília, ainda é muito cedo, não é, que horas são? – respondi de seguida.

– Vamos menino, já é tarde – ela novamente.

Na moldura das janelas o ruído sórdido do vento como respostas, não sei, na ladeira do quintal a descer ia eu, a meu lado a Emília num zelo iluminado por mim.

– Vamos menino, depressa.

Fui andando, e a ouvi-la também, era a resposta às suas indicações por obediência, qualquer coisa como quatro ou cinco da tarde, e a minha irreverência de menino também, o zelo dela também, com cuidado, tratamento irrepreensível, eram as suas palavras, as mãos no quente fraterno de quem sabe que é a sua função, e ela gorda, como tantas vezes irritado lhe chamava.

– Larga-me!

Eram ordens que ela cumpria e nunca se zangava, eu ia, enfim, sabia que mais tarde chegaria o meu pai e que me adiantava então desobedecer?